

RELAPSO

Gustavo Moreira

Atravessava a rua íngreme esbaforido, costurando por entre os carros, driblando o perigo. Estava atrasado e sabia que seu chefe não toleraria mais seus atrasos. Enquanto apertava os passos e esbarrava em algumas pessoas ia se lembrando do dia em que fora advertido por causa desse comportamento nada responsável.

Esbarrou num poste. Estava distraído olhando para ver a hora que era. Não era tão mais jovem e sua visão não estava bem. Começou a enxergar embaçados os números pequenos do relógio de pulso. Talvez fosse esse o motivo de seu problema com o tempo: não conseguia enxerga-lo.

Sem se recompor prosseguiu caminhando apressado. Pensava em como seria difícil arrumar outro emprego com esta idade. Sabia que não poderia ser demitido, se o fosse se complicaria.

Tudo bem que era solteiro e não possuía filhos. Foi exatamente esse o argumento para persuadir seu atual patrão a contratá-lo. O emprego não era ruim. Não. Era muito bom, aliás. Causava-lhe pouco estresse. Mas ultimamente preocupava-se muito com a sua permanência nele.

Esbarrou numa moça de óculos vermelhos, mas nem percebeu. Estava distraído novamente vendo a hora. Só que desta vez no celular, onde julgava os números maiores. Continuou sem sequer desculpar-se. Talvez a moça nem houvesse percebido o que acontecera. Devia estar apressada também.

Chegou até o ponto de ônibus habitual. O ônibus correto já havia passado e teria de pegar o próximo. Encostou-se à barra de ferro que sustenta o teto do ponto de ônibus.

Pensou nos filhos que não teve. Como faria se tivesse filhos para sustentar? Na família que poderia ter tido. Sabia que não seria capaz de tê-la. Nem perdia muito tempo sonhando com isso. Achava-se fraco, irresponsável. Achava-se até incapaz de ser feliz. Vivia uma neutralidade. Não pendia para o futuro e nem para o passado, de certo, nem vivia o presente. Apenas sobrevivia.

O barulho do ônibus parando no seu ponto o fez acordar. Achava-se de novo no meio de sua vida. Entrou e arranjou um lugar para se segurar. Olhava

pela janela a rua que passava ligeira como numa tela de cinema. Os prédios corriam deformados. As pessoas que andavam na rua, mais ainda corriam. Pareciam fugir do tempo.

O tempo era mau, pensava ele enquanto acompanhava alucinado, as figuras tortas das casas correndo dele.

O homem é o culpado por esse mal que ele mesmo inventou. O tempo é um monstro que o ser humano criou para auxiliá-lo na sua mania de catalogar, listar e organizar tudo. Mas não contava que, o que fora feito com boa intenção se voltaria contra ele mesmo. E agora o homem foge apressado.

O ônibus parou. Não era seu ponto ainda.

Com todos aqueles pensamentos nada corriqueiros a ele, embora recorrentes a outros, se distraíra, nem olhou para o relógio. Já sabia que não chegaria mais a tempo. Para que se preocupar? Talvez fosse essa não preocupação que o levaria ao desemprego outra vez.

Gradativamente foi invadido por uma angústia de novo, poderia ser demitido. O ônibus parou novamente, enfim era seu ponto. Desceu apressado e atravessou a rua. Seu coração batia descompassadamente, tentando, entrar no mesmo ritmo que suas pernas. Dobrou uma esquina. Estava perto. Olhou novamente para seu relógio, firmou as vistas. Distraiu-se.

Estrondo.

Rodearam-no muitos transeuntes, que por ali passavam sem ao menos parar. A rotina tinha sido quebrada. Não adiantava mais.

Gustavo Moreira é poeta, cronista e contista. Participou nas categorias conto e poesia do Mapa Cultural Paulista 2013. Tem um conto publicado pelo jornal literário online Olaria das Letras e integra a Folhinha Poética 2015.

E-mail: Pedro_gustavo.m@hotmail.com